

# Da indeterminação do mundo: os santos, o mar, a luz. Um ensaio de antropologia marítima

FRANCISCO ONETO NUNES



Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA- ISCTE/IUL)

<https://orcid.org/0000-0002-5721-4523>

francisco.oneto@iscte-iul.pt

**Resumo:** Nesta comunicação, sugiro que confrontemos os argumentários da precedência simbólica com os da precedência da razão utilitária nas relações das sociedades com o mar. Para tanto, o texto explora múltiplas camadas cronológicas e núcleos temáticos de diversos sectores disciplinares, tomando como ponto de partida o domínio da navegação fúnebre nos relatos da chegada, por via marítima, das relíquias dos santos fundadores (como S. Tiago e S. Vicente). Estes eventos multiplicaram-se em réplicas e variantes que se sucedem ao longo de séculos e com ressonância na religiosidade popular dos dias de hoje, frequentemente acompanhados por interesses políticos associados à sacralização do oceano, com os seus recursos, ‘bons para comer, bons para pensar’. Tomando a indeterminação, o aleatório, como dado epistemológico fundamental – não só dos modos de vida e das crenças associadas às interfaces ribeirinhas e oceânicas, como da própria condição humana – enfatizar-se-ão aspetos escópicos e processos cognitivos, identificando-se alguns elementos centrais que se reportam à experiência vivida da luz e da atmosfera, das continuidades entre os elementos aquático e celeste. Esta proposta explora perspectivas teóricas recentes e inovadoras, na Antropologia e para além dela, procurando, segundo os princípios da teoria autopoietica, uma equação alternativa aos determinismos dos argumentários apresentados.

**Palavras-chave:** Navegação, Visão, *Fortuna*, *Autopoiesis*, Ontologia política.

## On the Indeterminacy of the World: Saints, Sea, Ligth. An Essay on Maritime Anthropology

**Abstract:** In this paper, I suggest that we confront the arguments of symbolic precedence with those of utilitarian reason in the relations of societies with the sea. In order to do so, the text explores multiple chronological layers and thematic nuclei of various disciplinary sectors, taking as a starting point the domain of funerary boats and navigation in the reports of the arrival by sea of founding saints relics, such as S. James and S. Vicente. This theme has several replicas and variants presumably connected with political interests associated with the sacralization of the ocean and the resources it may provide (‘good to eat, good to think!..’). It also has shown enduring expression in some narratives from today’s popular religiosity. I take randomness and indeterminacy as a fundamental epistemological issue that not only is characteristic of lifestyles and beliefs associated to the oceanic interfaces, but that also concerns all human beings across cultures. Accordingly, the text emphasizes scopic dimensions and cognitive processes, identifying some elements that refer to the experience of light, atmosphere, and the lived continuities between the aquatic and celestial elements. Inspired by the principles of autopoietic theory, this proposal explores recent and innovative theoretical perspectives in Anthropology and beyond, seeking for an alternative equation to the determinism of both initial arguments.

**Keywords:** Seafaring, Vision, *Fortuna*, *Autopoiesis*, Political ontology.

“É difícil resistir à ideia de que os muitos ritmos do mar e o drama diário do sol que se põe para lá do oceano criaram entre as populações costeiras uma consciência partilhada do poder celeste – poder manifesto numa previsibilidade que teria de ser reverenciada” (Barry Cunliffe)<sup>1</sup>

## I

As narrativas em torno da possível origem da atração humana pelo mar oferecem um desafio potencialmente interessante de explorar, não tanto pelo fechamento das hipotéticas respostas possíveis, mas pelas dúvidas e incertezas que o tema transporta e projeta e, concomitantemente, pelas averiguações que estas podem, heurísticamente, desencadear. Este desafio, sob o signo da indeterminação, convoca sucessivas camadas temáticas e cronológicas para o texto, enquadrando-se num âmbito disciplinar aberto e instável que é o da Antropologia Marítima – território fluido de múltiplos e diversos cruzamentos fecundos (Economia, Sociologia, História, Arqueologia, Geografia, Arte, Arquitetura...) e irreduzível a qualquer um dos seus subcampos especializados (água, pescas, navegação e tipos navais, património, religião, turismo, portos, desporto...). No meu caso, a experiência etnográfica, realizada num tempo já algo distante (primeira metade da década de 1990), no Litoral Central Português, foi marcante e decisiva para toda a reflexão ulterior, incluindo a ressonância que espero poder ser encontrada nalguns frescos do itinerário de mundos novos que proponho agora explorar. Passemos à questão de partida.

Hans Blumenberg, apoiando-se em Hesíodo e Virgílio, comentou a inquietação e a leviandade que, para ambos, teriam presidido ao momento mítico em que os nossos antepassados descuraram a terra e o trabalho agrícola, trocando-o pela navegação. Nas suas palavras, “para a crítica da cultura o mar sempre foi suspeito. Que poderia de resto ter motivado a passagem da terra para o mar senão o tédio do escasso abastecimento pela natureza e do monótono trabalho agrícola; senão o olhar ávido de lucro num golpe de mão, de ganhar mais que o razoavelmente necessário?”<sup>2</sup> Esta motivação utilitária contrasta fortemente com a proposta da poética bachelardiana, segundo a qual a causa primeira da mítica passagem da terra para o mar seria de natureza essencialmente metafísica, decorrente das vicissitudes das

1 Barry Cunliffe – *On the Ocean. The Mediterranean and the Atlantic from Prehistory to AD1500*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2017, p. 133.

2 Hans Blumenberg – *Naufrágio com Espectador*. Lisboa: Editorial Vega, s/d: p. 23.

crenças e dos ritos mortuários personificados na figura de Caronte na sua barca, pois que “nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas”<sup>3</sup>.

A navegação fúnebre surge como um dos temas maiores dos mitos fundadores da cristandade no Ocidente, com a chegada do corpo do apóstolo Tiago a Campus Stellae, na Galiza; os restos mortais de S. Vicente, a Lisboa; e, ainda, uma imensidão de outros relatos lendários, hagiológicos de origens nem sempre claras, dispersos nos registos históricos e etnográficos. S. Tiago era um dos doze apóstolos, irmão de João, e fora pescador antes de seguir o Mestre – um dos primeiros, aliás, a fazê-lo, largando de imediato o barco e as redes. Após o pouco sucesso que teve na evangelização da Península regressou à Palestina onde, depois de se confrontar com um seguidor de Zoroastro, convertendo-o, veio a ser decapitado. Os seus discípulos conseguiram apoderar-se do corpo e meteram o sarcófago num barco que veio, desgovernado (nalgumas versões, com o auxílio dos ventos soprados pelos anjos), encalhar junto do rio Ulla em Iria Flavia (Padron), na Galiza. A descoberta das suas relíquias – depois de episódios que envolvem poderosas Rainhas, touros bravos, dragões e séculos de esquecimento – é do século IX, devendo-se a identificação do local a uma revelação sonhada por um monge ou, nalgumas versões, ao avistamento de uma estrela brilhando sobre o dito local. Sob uma aura de milagres, mistérios e maravilhas, o culto desenvolve-se então rapidamente e o sucesso é duradouro, a ponto de ser sob a invocação de Santiago, no seu grito de guerra, que os cristãos que morressem em combate defendendo a linha de avanço cristão para Sul, teriam como recompensa a remissão total dos pecados, à semelhança do que era prometido àqueles que se dirigiam à Palestina para libertar Jerusalém. Caminho de luz inscrito no céu noturno, a Via Láctea e a designação ‘Campus Stellae’ pressupõem também que no mundo dos peregrinos, como no dos navegadores, a observação do céu e o conhecimento das direções, dos ritmos e dos ciclos, se revestia de essencial importância.

Também com enorme impacto geopolítico e simbólico, os despojos mortais de S. Vicente (martirizado em Valência no século IV) foram transportados em 1173, por mar, do Promontório Sacro para a Sé de Lisboa, rapidamente adquirindo uma imensa “fama taumatúrgica”<sup>4</sup>. No período medieval, o domínio do maravilhoso, associado à difusão do culto das relíquias dos santos e dos mártires da Igreja, encontra-se sempre imbricado nas exigências da ocupação do território e na inscrição simbólica dos lugares, bem como da expansão da fé – e é de salientar que, frequentemente, estas narrativas recuperam e integram fragmentos de cultos

3 Gaston Bachelard – *A Água e os Sonhos* (1942). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1998, p. 76.

4 Aires Augusto Nascimento; Saul António Gomes – S. Vicente de Lisboa e seus Milagres Medievais. *Didaskalia*. 15:1 (1985) 73-95: p. 82; A expressão “fama” atravessa também o belíssimo texto do padre Mário S. J. Martins – *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*. Lisboa: Edições Brotéria, 1957.

e narrativas anteriores, emaranhando criativamente diversos estratos, como é próprio do discurso mítico em qualquer latitude cultural. A propósito do episódio da chegada dos restos mortais de S. Vicente a Lisboa, em ambiente de enormes tensões políticas entre colonos cristãos do Norte e moçárabes<sup>5</sup>, escreveu o olisipógrafo José Sarmento de Matos: “com júbilo incontido, sacraliza-se de novo o caminho do Sul, a rota nunca esquecida que Ulisses outrora desvendara”<sup>6</sup>. E se as relíquias do apóstolo Tiago tinham permanecido no esquecimento até ao ressurgir da ameaça sarracena, as relíquias de S. Vicente encontravam-se entregues a uma confraria num remoto santuário do extremo ocidente do Al Andaluz, na “Igreja do Corvo”, sendo veneradas por cristãos e muçulmanos<sup>7</sup>. Do Promontório Sacro para Norte, o mar alteroso e um regime de ventos desfavorável, justificaria a invocação do santo por marinheiros e pescadores – antes e depois da apropriação das suas relíquias e sua transladação para Lisboa. Convém ainda salientar que, se no que se refere a S. Tiago, “o comércio prosperava à sombra destas grandes aglomerações religiosas”<sup>8</sup>, também aos monges guardiões do Tarf-al-Gorab (Cabo do Corvo) “não lhes faltavam rendas nem esmolas”<sup>9</sup>.

Neste cenário, não é surpreendente que a ressonância destes mitos fundadores se tenha mantido ao longo dos séculos, desdobrando-se continuamente em sucessivos episódios que replicam sempre, com o colorido das variações e reivindicações locais, os mesmos motivos. O monografista do Furadouro, por exemplo, sem mencionar a fonte primária, refere uma narrativa inclusa na História Religiosa de Ovar, de Arada e Costa (1967) segundo a qual “José de Arimateia, depois da morte de Cristo, lançou ao mar três imagens do crucificado”. Arribaram estas imagens à Praia das Bouças (Bom Jesus de Matosinhos), a Miramar (Senhor da Pedra) e à costa de Ovar (Senhor da Piedade)<sup>10</sup>.

A capela da Senhora das Areias, em S. Jacinto, data de meados do século XVI e a sua edificação deve-se aos pescadores de Ovar ou – como diz a *Corografia Portuguesa* do Padre Carvalho da Costa – à vila de Aveiro, por “trazer-lhe o mar por sua barra huma imagem da sempre Virgem Maria, á qual edificou a Villa Igreja na mesma costa que pelo sitio se intitula das Areias”<sup>11</sup>. As *Memórias Paroquiais* de 1758

5 Pedro Picoito – “A Trasladação de S. Vicente. Consenso e Conflito na Lisboa do século XII”. *Medievalista online*, 4 (2008) IEM – Instituto de Estudos Medievais, [www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista]. [Consultado a 18 de Outubro, 2018]

6 José Sarmento Matos – *A Invenção de Lisboa. Livro I. As Chegadas*. Lisboa: Temas e Debates, 2008, p. 305.

7 Mário S. J. Martins – *Peregrinações e Livros de Milagres na Nossa Idade Média...*, p. 45.

8 Mário S. J. Martins – *Peregrinações e Livros de Milagres na Nossa Idade Média...*, p. 22.

9 Mário S. J. Martins – *Peregrinações e Livros de Milagres na Nossa Idade Média...*, p. 45. Note-se que se trata de uma situação comum em inúmeros locais e períodos da história da cristandade, reportada pelo menos desde o século III (cf. Daniel Rops – *História da Igreja de Cristo*. Vol. III: *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 1993, p. 48 e ss.).

10 Lamy Laranjeira – *O Furadouro: O Povoado, o Homem e o Mar*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 1984, p. 334.

11 Cit. in Padre João Vieira de Rezende – *Monografia da Gafanha*. 2ª Edição, Correcta e Aumentada. Edição facsimilada subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura. Coimbra, 1989 (1944), p. 146.

referem também como o dito lugar das Areias, no ano de 1743 ou 1744, acolheu “huma imagem trazida em huma rede de arrasto, que no mar lançarão huns pescadores; os quais logo principiarão de aclamar a imagem com o nome de S. Jachinto”<sup>12</sup>. A Sul do Mondego, na Leirosa, encontramos de novo o mesmo motivo fundador a explicar a origem do culto à Nossa Senhora das Ondas<sup>13</sup>. E o padrão repete-se na Nazaré, no Cabo Espichel e em tantos outros locais da costa portuguesa, assim como noutros pontos da Europa ou, ainda, no Brasil, onde os círios em honra de Nossa Senhora Aparecida (1717) – atualmente a maior peregrinação religiosa da América Latina – tiveram a sua origem no achamento da imagem protagonizado por três pescadores que a recolheram nas suas redes.

Esta recorrência temática de pescadores, redes e barcos, associada ao aparecimento milagroso de estatuetas de santos destinados à difusão do culto enquadra-se doutrinariamente no simples facto de que os primeiros discípulos de Jesus eram pescadores, tendo o cristianismo primitivo tomado como símbolo, o peixe. A prevalência do crucifixo virá só mais tarde, com a ascensão desta religião aos esplendores do poder e aos luxos do Império. Gostaria de destacar que um dos primeiros milagres de Jesus – a pescaria milagrosa – coloca em equação, desde logo, aquela que se me afigura como a questão central na problematização do modo de vida piscatório e, concomitantemente, das suas manifestações próprias de religiosidade: a incerteza do mar e a aleatoriedade dos recursos haliêuticos, assunto sobre o qual me debrucei na minha pesquisa de terreno<sup>14</sup>. A relevância desta questão prende-se diretamente com o facto de que o tema da pescaria milagrosa representa, precisamente – por intervenção sobrenatural – a anulação dessa condição de permanente incerteza, nexó essencial da crença. Por outro lado, ainda, esta recorrência evidencia dois outros pontos importantes.

## II

Primeiramente, como “signo incontestável da sacralização do oceano”<sup>15</sup>, a recorrência do uso continuado e replicado dos mesmos motivos pode ser lida como um sintoma da necessidade de afirmação política e religiosa da Igreja, de acordo com a sua estratégia de implantação territorial, de ocupação e demarcação de fronteiras e periferias, sucedendo-se a *ribats*, templos e vigias de períodos anteriores. Por isso mesmo, a exigência de controle das regiões costeiras, das embocaduras

12 Manuel Pires Bastos – *O Concelho de Ovar nas Memórias Paroquiais (1758)*. Ovar: Paróquia de Ovar, 1984, p. 32.

13 Manuel da Costa Cintrão – *Marinha das Ondas na História e na Lenda (Estudos para a Monografia da sua Freguesia)*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz, 1988, p. 67.

14 Francisco Oneto Nunes – *Hoje por tí, amanhã por mim. A Arte-xávega no Litoral Central Português*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2006. Tese de Doutoramento.

15 Alain Cabantous – *Le Ciel dans La Mer: Christianisme et Civilization Maritime, XVI-XIX Siècle*. Paris: Fayard, 1990, p. 49.

dos rios com as suas vilas e cidades, das elevações e finisterras, afigurava-se estrategicamente decisiva para a afirmação dos poderes, para o comércio e para a pesca e, portanto, para a unificação de um território que bordeja o Atlântico numa faixa que se estende latitudinalmente num eixo norte-sul, “tornando indissociáveis a guerra terrestre e marítima”<sup>16</sup>. Desde que os mareantes e mercadores fenícios se aventuraram para além das Colunas de Hércules<sup>17</sup> que estes pontos de observação e sinalização se tornaram necessários tanto às gentes de terra como aos navegadores, encontrando-se a sua presença atestada arqueologicamente, quase sempre em localizações elevadas com controle das embocaduras e estuários dos rios<sup>18</sup>. Os cultos à Luz e ao Sol associados ao ouro e aos heróis míticos, como Heracles (Melkart)<sup>19</sup> e Ulisses, atesta este sentido metafísico de verticalidade e de poder, pelo menos desde a Idade do Bronze, a par com o extraordinário desenvolvimento das viagens marítimas que então consubstanciavam uma complexa rede de trocas estendendo-se, com as suas várias placas giratórias regionais, do Médio Oriente às ilhas britânicas e ao Báltico<sup>20</sup>.

De acordo com as fontes árabes recenseadas por Christophe Picard, nos anos subsequentes à chegada a Lisboa das relíquias de S. Vicente, o comandante da marinha portuguesa, D. Fuas Roupinho, infligiu grandes perdas aos sarracenos, derrotando as suas esquadras junto a S. Martinho do Porto e ao largo do Cabo Espichel, e atacando Saltes, Sevilha e Ceuta, onde vem a morrer em combate<sup>21</sup>. A sua memória lendária fica associada a um milagre que o salva de cair das escarpas, numa narrativa que obedece ao padrão de recorrência em análise: a descoberta da imagem de uma pequena Virgem vinda do Mediterrâneo Oriental (Nazaré, na Palestina) e escondida quatro séculos antes nos rochedos do Sítio por um monge que, na companhia de Rodrigo, o último rei visigodo, a havia transportado consigo na fuga ao avanço dos mouros. O sucesso do culto, que mantém viva na lenda a memória do grande comandante da armada portuguesa, perdurou. Significativamente, a sua relativa ausência no registo historiográfico nacional mereceu a J. Sarmiento de Matos uma interrogação que, para os antropólogos, tem constituído frequentemente inquietação propedéutica às suas pesquisas: “porque razão os cronistas coevos portugueses

16 Christophe Picard – *La Mer et les Musulmans d’Occident au Moyen Age VIII-XIII siècle*. Paris: PUF, 1997, p. 74.

17 Pedro Albuquerque – *Tartessos: entre Mitos e Representações*. Cadernos UNIARQ, Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2010.

18 Ana Margarida Arruda – Phoenician Colonization on the Atlantic Coast of the Iberian Peninsula. In *Colonial Encounters in Ancient Iberia: Phoenician, Greek and Indigenous Relations*. Ed. Michael Dietler; Carolina López-Ruiz. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2009, p. 113-130: p. 115.

19 Colette Jourdain-Annequin – *Héraclès aux Portes du Soir. Mythe et Histoire*. Paris: Centre de Recherches d’Histoire Ancienne, Volume n.º 89, 1989.

20 AAVV – *L’Europe au Temps d’Ulysse, Dieux et Héros de l’Âge du Bronze*. 25ème Exposition d’Art du Conseil de l’Europe [catálogo de exposição]. Paris: Diffusion Seuil, 1999.

21 Christophe Picard – *La Mer et les Musulmans d’Occident...*, p. 78.

silenciam estas ações marítimas, ao invés dos muçulmanos que tudo registam com minúcia?”<sup>22</sup>.

Na análise desta interrogação deveremos ter presente que, ontem como hoje, as populações marítimas vivem sob o signo da indeterminação, da perda, das ausências e das esperas, sujeitos aos caprichos do mar, poder de vida e de morte, dos ventos e do céu. Esta fragilidade, sempre nos limites de todas as figuras de excesso em que o mar é pródigo, constitui um campo fértil para a emergência de narrativas que não as do cronista, mas as dos mistérios e das maravilhas que a oralidade potencia e transforma, ou dissolve. No Islão medieval, esclarece Picard, o mar surge como um espaço propiciador das manifestações da ‘graça’, ou de ‘estados de graça’ – como o que impregna ou se manifesta nos corpos dos santos, nas suas ações e, depois de mortos, nas suas relíquias – *baraka*<sup>23</sup> ou, como nos habituámos a problematizar desde Mauss, *mana*<sup>24</sup>, também como carisma, autoridade, encenação no espaço político. O desígnio utilitário está assente no facto de que, da Antiguidade tardia à Idade Média, e mais além, “possuir muitas relíquias é para uma igreja ou um mosteiro um modo infalível de atrair as multidões, e por isso todos os meios são válidos para obtê-las”<sup>25</sup>.

Lugar de excelência para as atividades milagreiras e aventureiras de heróis míticos, deuses e santos<sup>26</sup>, o mar impõe aos pescadores e marinheiros uma continuidade experiencial com o céu e com a atmosfera<sup>27</sup>, estabelecendo um nexo de verticalidade que a narrativa religiosa enquadrará de comportamentos, sinais, marcas e ícones adequados. No imaginário medieval, o Oceano surge como “fronteira do mundo visível”, sendo que “todo o mar representava a proximidade de morte”<sup>28</sup>. O céu e a luz, o sol, a lua e as estrelas, são marcadores essenciais para os olhos atentos das gentes do mar, experientes na leitura destes sinais e habituados a jogar

22 José Sarmiento Matos – *A Invenção de Lisboa. Livro I...*, p. 289.

23 Picard esclarece a importância desta sacralização “...si l’on connaît bien les rapports entre le *murâbiṭ* – l’homme du *ribâṭ* – et la mer, ou entre le soufi et l’horizon marin, les liens entre l’espace maritime ou, plus exactement, ses espaces et les formes de sacralités qu’ils ont engendrées, activés par des actes de piété, de même que les motivations déterminées par le sacré, ayant poussé des musulmans à faire de la mer un lieu d’accomplissement d’actes produisant l’état de grâce, comme la *baraka* des saints (*wâḥi*)” (Christophe Picard – La mer et le sacré en Islam médiéval. *Revue des Mondes Musulmans et de la Méditerranée* [En ligne], 130 | février 2012, mis en ligne le 21 février 2012, consulté le 12 octobre 2018. URL : <http://journals.openedition.org/remmm/7373>.)

24 Marcel Mauss – *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988 [1950].

25 Daniel Rops – *História da Igreja de Cristo*. Vol. III..., p. 49.

26 Timmy Gambin – Maritime Activity and the Divine – religious expression by mediterranean seafarers, fishermen and travellers. In *Ships, Saints and Sealore: Cultural Heritage and Ethnography of the Mediterranean and the Red Sea*. Ed. Dionisius A. Agius; Timmy Gambin; Athena Trakadas; with the assistance of NASH, Harriet Nash. Oxford: Archaeopress, 2014, p. 3-12.

27 Tim Ingold – *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London, New York: Routledge, 2011; Cf. Francisco Oneto Nunes – Da Semente à Estrela: Variações sobre o Tema da Circularidade. In *Modos de Fazer*. Coord. Vítor Oliveira Jorge. Porto: CITCEM, 2020, p. 513-524: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18143.pdf>.

28 José Mattoso – O Imaginário Marítimo Medieval. In *Naquele Tempo. Ensaio de História Medieval*. Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2009, p. 223-236: p. 227.

intuitivamente com o seu sentido existencial, por exigência profissional e cognitiva. Desde tempos muito remotos, aliás, que os humanos projetam no céu as atividades (agrícolas, silvícolas, pastoris, migratórias...) próprias do seu modo de vida, sincronizando estes saberes da observação e da experiência com a construção de monumentos em pedra, templos, jardins e campos férteis, com as festas e com as viagens, com os ritmos das marés, das luas e das estações do ano, das chuvas e das colheitas.

Manifestamente, o sucesso do culto da Sra. da Nazaré tornou-se imperativo nacional, com o estabelecimento de estaleiros da armada na Pederneira e uma sucessão de outros eventos em subsequentes períodos históricos. Já no início do século XX, Marcelino Mesquita registava a popularidade do culto dizendo sarcasticamente que tinha havido no ano de 1844 uma enchente de 30.000 pessoas na Nazaré, por devoção à Senhora, "...em que só uma barraca de capelista vendeu 4.000 lenços e a venda de melancias e melões rendeu 480\$000 reis, houve oferecimento de 130 mortalhas, o que significa 130 milagres! Não admira pois, que n'esse anno só as esmolas chegassem á bonita cifra de 1.475\$500 reis"<sup>29</sup>. Da Nazaré ao Cabo Espichel, a popularidade das romarias, das peregrinações e dos círios, com os seus *giros*, atravessou a História até ao presente. Basta recordar que o pescador e a mulher da Nazaré foram durante décadas uma das imagens de marca da incipiente indústria turística e, também, um motivo constante da iconografia folclorista do Estado Novo.

A multiplicação destas narrativas fundadoras também entre as populações camponesas do interior, ao longo dos séculos, revela igualmente as vicissitudes dos processos de colonização interna. Junto da cidade do Lis, por exemplo, a vaga de milagres ocorrida em 1588 irradia pelas dioceses de Leiria, Coimbra e Lisboa, com as ofertas que afluíam à cidade a atingirem dimensões impressionantes, num "misto de cortejo religioso e etnográfico"<sup>30</sup> – multidões de peregrinos, velas, capas coloridas, músicos, carroças e carros de bois carregados com ofertas em géneros e materiais de construção, jóias, pratas, dinheiro, etc. Recorrentemente, as imagens aparecem num determinado sítio e, sendo deslocadas para outros locais tidos como mais convenientes, voltam a aparecer no local inicial. Como que animadas por vontade própria, elas manifestam-se num jogo de ocultação e revelação onde se entrosam as vontades dos crentes com a vontade divina, em ressonância escópica dialogante e, quase sempre, em associação a particularidades do terreno – frequentemente rochedos e lugares altos – ou à presença de água, tal como nas lendas de mouros e mouras encantadas.

29 Marcelino Mesquita – *A Nazareth: Sítio e Praia*. Lisboa: Typographia «A Editora Limitada», 1913, p. 110.

30 Luciano Coelho Cristino – O Santuário de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria em 1588 – Os milagres e as procissões. In *Colóquio sobre a História de Leiria e da sua Região*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, 1991, p. 80.



### III

O segundo ponto que gostaria de registar é que, para além do sentido histórico da sua emergência expressiva enquanto símbolo religioso cristão, o peixe é também, reconhecidamente, um poderoso instrumento cognitivo – bom para alimentar e bom *para pensar*, como bem sublinhou Aliette Geistdoerfer parafraseando a já clássica expressão de Lévi-Strauss<sup>31</sup> – e, nessa medida, indissociável, no plano dos imaginários, por extensão metonímica, do seu *umwelt*<sup>32</sup> aquático, da água, dos ritmos das marés e das luas, bem como dos fulgores cintilantes da superfície da grande massa líquida, do seu brilho, dos reflexos e das refrações da luz. Veronica Strang destacou “as qualidades mesméricas da água” e o seu potencial de criação de sentido: “the eye is automatically drawn to flickering or moving stimuli”, de onde se depreende que “shimmering or visually exciting patterns can stimulate affective responses in many different cultural contexts”<sup>33</sup>. Nos domínios do fantástico e do maravilhoso medieval, J. Le Goff sublinhou que “com o termo *mirabilia* estamos perante uma raiz *mir* (*miroir*, *mirari*) que comporta algo de visivo”<sup>34</sup>, como nos espelhos e em todas as linguagens mágicas associadas à reflexão e à *mimesis*, com o seu imenso potencial de ressonância afetiva. De acordo, justamente, com uma ficção de Borges referida à época lendária do Imperado Amarelo, o peixe habita nos espelhos e será o primeiro a despertar da condenação mimética a que os humanos votaram os seres que os habitam<sup>35</sup>.

A multiplicação destes apelos à consideração de aspetos escópicos radica, desde logo, no facto de que o sentido da vista é determinante e, por isso mesmo, exacerbado nas ocupações marítimas, sempre exigentes de uma vigilância atenta dos sinais na superfície das ondas, no céu, na lua e nas estrelas, nos ventos, no horizonte ou nas aves... A necessidade de controle das vias de circulação marítima costeiras, por outro lado, exigiu igualmente o estabelecimento de pontos de observação defensiva contra invasores e piratas, cumprindo o projeto de domínio da costa sem o qual não teria sido possível a afirmação nacional. Mas também na esfera do culto e nas crenças, por seu turno, o sentido da vista se constituiu hegemonicamente no

31 Aliette Geistdorfer; Jacques Ivanoff; Jacqueline Matras-Guin; Collectif – *La Mer Dévorée: Le Poisson bon à Manger, le Poisson bon à Penser*. Paris: CETMA, Centre d’Ethno-Technologie en Milieux Aquatiques, 2003.

32 A concepção de ‘*umwelt*’ de Jakob Von Uexkull, pioneiro da Etologia e da Biosemiótica (1864-1944), refere-se às aptidões sensorio-motoras (os ‘*skills*’ de Tim Ingold) de qualquer organismo vivo para “construir” o seu próprio mundo, comum a cada espécie, a partir do fluxo de eventos de que consiste o seu ambiente natural. Para a Antropologia, este é um fenómeno universal, transorgânico (Roy Willis – Introduction. In *Signifying Animals. Human Meaning in the Natural World*. Ed. Roy Willis. London, New York: Routledge, 1990, p. 1-21: p. 11).

33 Veronica Strang – *The Meaning of Water*. Oxford and New York: Berg Publishers, 2004, p. 51.

34 Jacques Le Goff – *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990, p. 18.

35 Jorge Luis Borges; Margarita Guerrero – Animais dos Espelhos. In Jorge Luis Borges, *Obras em Colaboração*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 124.

Ocidente Medieval enquanto “marcador sensorial da santidade”<sup>36</sup>. Por isso as relíquias eram regular e ciclicamente expostas e levadas em procissão debaixo de um pátio, para poderem ser vistas e o seu poder, *baraka*, reconhecido e apreciado. Tal como na literatura fantástica, aqui “os temas do olhar baseiam-se numa rutura da fronteira entre psíquico e físico”<sup>37</sup> ou, por outras palavras, na modulação afetiva das continuidades emergentes na experiência, aproximando o mar e o céu pela irrupção dos milagres e da replicação dos *mirabilia* associados aos cultos e invocações. Desprotegidas face aos elementos e incapazes de exercer o seu domínio sobre as águas, as comunidades marítimas – por conhecerem tragicamente, entre o mar e o céu, o preço de todos os excessos e impossibilidades do olhar – encontraram ampla ressonância no símbolo do olho, pintado à proa das embarcações. De origem remota e proveniente, por via marítima, do Mediterrâneo Oriental, o olho de Hórus encontra-se associado à colonização fenícia<sup>38</sup>.

Expressão dramática dos recursos da imaginação perante a necessidade de contrariar a incerteza da sua condição, as imagens de culto das gentes da beira-mar continuam hoje, surpreendentemente, a chegar às praias nas marés, ou nas redes de pesca: na década de 90, rara foi a paragem da zona da arte-xávega, no Litoral Central, onde os pescadores que interroguei não me tivessem desta forma justificado a pequenina figura da Nossa Senhora, ou o crucifixo, colocados na bica da proa, no local mais alto da embarcação. Por diversas vezes ouvi, em narrativas acerca de perigos e aflições vividas no mar, a razão desse ato protetor ser justificada como uma forma de contrariar a ameaça da morte, deslocando-a do plano horizontal das águas com as suas vagas alterosas e profundidades invisíveis, para o eixo da verticalidade soteriológica que sincroniza as preces que nesses momentos são dirigidas a Nossa Senhora, com a invocação das alturas do céu e das entidades superiores que o habitam, tornando presente o seu poder. Quem já tenha visto e sentido de perto o modo como as companhas e as suas famílias vivem o drama da morte dos seus no mar, compreenderá, na ressonância da dor e das lágrimas, o significado dessas atmosferas de contágio emocional e como elas perduram na memória.

Voltando ao ponto de partida: a oposição entre motivações utilitárias e mágico-religiosas no empreendimento marítimo surge, nos contextos identificados, como uma relação de profundo imbricamento e de interconexão, dando expressão a crenças e práticas que podem ser entendidas como o encontro entre “the fantasy

36 Cynthia Hahn – Seeing is Believing: The Construction of Sanctity in Early-Medieval Saints’ Shrines. *Speculum*. 72: 4 (Oct. 1997) 1079-1106.

37 Tzvetan Todorov – *Introdução à Literatura Fantástica*. Lisboa: Moraes Editores, 1977, p. 138.

38 Ana Margarida Arruda – A Oeste Tudo de Novo: novos dados e outros modelos interpretativos para a orientalização do território português. In *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Ed. Ana Margarida Arruda. Vol. 2. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2014, p. 512-535: p. 521.

of an elite threatened by violence and competition”<sup>39</sup> e as manifestações de religiosidade espontânea emergentes de um fundo sempre duradouro de crenças habitualmente classificadas como animistas, ou pagãs – a “criatividade religiosa das massas”<sup>40</sup>. Tal como propus anteriormente em texto dedicado ao problema da humilhação e coerção dos santos<sup>41</sup>, estamos perante exemplos de “acaso organizacional”, o princípio *order from noise*, de Heinz Von Foerster<sup>42</sup>; da emergência de estruturas de necessidade no seio da indeterminação; ou de como os grupos e comunidades humanas mais frequentemente envolvidas em situações de instabilidade e incerteza dão mostras da sua arte criativa de “transformar fragmentos de acaso em necessidades da evidência”<sup>43</sup> – uma capacidade transorgânica (*world-making*), inerente à própria condição humana<sup>44</sup>, à sua *autopoiesis*. Evidência, também, de que a socialidade constitutiva dessa condição assenta, em grande medida, numa dependência epistemológica face à natureza, frequentemente sob forma de tentativa de encontrar uma inteligibilidade moral para os fenómenos naturais e sobrenaturais, entrosando generativamente a experiência empírica e a imaginação com as contingentes necessidades quotidianas vividas em cada contexto concreto. Como escreveu François Jacob: “no esforço de cumprir a sua missão e encontrar uma ordem no caos do mundo, mitos e teorias científicas operam segundo o mesmo princípio. Trata-se sempre de explicar o mundo visível por forças invisíveis, de articular o que se observa com o que se imagina”<sup>45</sup>, interioridades e fisicalidades<sup>46</sup>.

#### IV

Mais pragmaticamente do que Bachelard e Blumenberg, também Barry Cunliffe se interrogou quanto às motivações dos nossos antepassados do Mediterrâneo Oriental para o início do exercício da navegação, num momento original situado

39 Paul Antony Hayward – Demystifying the role of sanctity in Western Christendom. In *The Cult of Saints in Late Antiquity and the Middle Ages. Essays on the Contribution of Peter Brown*. Ed. James Howard-Johnston; Paul Antony Hayward. Oxford, New York: Oxford University Press, 1999, p. 131.

40 João Pina Cabral – The Gods of the Gentiles are Demons: the Problem of Pagan Survivals in European Culture. In *Other Histories*. Ed. Kirsten Hastrup. London, New York: Routledge, 1992, p. 45-61.

41 Francisco Oneto Nunes – O Problema do Aleatório: Da Coerção dos Santos ao Idioma da Inveja. *Etnográfica* III, 2 (1999) 271-291.

42 A propósito deste conceito e da “lucidez epistemológica” de Von Foerster, interrogou-se Jean-Pierre Dupuy: “Sans cette réouverture audacieuse et argumentée de l’éventail épistémologique légitimant les connaissances scientifiques, les oeuvres maîtresses d’H. Atlan et d’E. Morin des années soixante dix qui nous sont aujourd’hui devenues familières, auraient-elles été possibles quinze ans après ?” (Jean-Pierre Dupuy – Quatre Moments dans la Vie d’un Homme Remarquable. In *Seconde Cybernétique et Complexité. Rencontres avec Heinz Von Foerster*. Dirs. Evelyne Andreevsky; Robert Delorme. Paris: L’Harmattan, 2006, p. 59-74.

43 Abraham Moles – *As Ciências do Impreciso*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 203.

44 Roy Willis – Introduction..., p. 11.

45 François Jacob – *O Jogo dos Possíveis. Ensaio sobre a Diversidade do Mundo Vivo*. Lisboa: Gradiva, 1982, p. 27.

46 Phillipe Descola – *Par Delà Nature et Culture*. Paris: Éditions Gallimard, 2005.

entre 10800 e 9600 a.C (noutas regiões do globo, a cronologia é bastante mais recuada, acompanhando a expansão humana até à Austrália, há mais de 50.000 anos). As alterações climáticas do final do Pleistoceno teriam proporcionado a exploração dos nichos ecológicos costeiros, estimulando a “curiosidade intrinsecamente humana” para o que denomina de “compulsão” das populações costeiras para a navegação<sup>47</sup>. Nos meios piscatórios, conhece-se bem esta “compulsão”, designadamente, sob a forma de uma necessidade imperiosa de perscrutar visualmente a grande massa líquida, a formação e a rebentação das ondas, de apreciar o céu, os ventos, as aves e, eventualmente – segundo os sinais visíveis e a intuição – poder decidir ir lançar redes, arriscar. Entre os pescadores da arte-xávega, no Litoral Central Português, mesmo os idosos e reformados não prescindem deste hábito de ir diariamente olhar o oceano, tal como testemunhei na década de noventa, sendo também bastante frequente que os meus interlocutores considerassem a pesca como um “vício”, motivo constante de conversa.

Quanto à “curiosidade intrinsecamente humana” a que se refere Cunliffe, ela expressa-se num proverbial sentido de oportunidade associado aos recursos marítimos – como nos clássicos citados por Blumenberg – e ao espírito de desafio com que pescadores e navegantes se expõem aos caprichos da Fortuna, a Tyché dos gregos, filha de Okeanos e mãe de Kairos, a *oportunidade*<sup>48</sup>. Na iconografia, a deusa Fortuna<sup>49</sup> surge representada sobre uma esfera, de olhos vendados e exibindo os símbolos de uma ordem tríplice: o cetro pelo poder e a cornucópia pela abundância – correspondendo, nos termos de Dumézil, à primeira e terceira “funções” na mitologia indo-europeia; e, no espaço da segunda função, que seria da guerra, vamos encontrar o leme e a vela, símbolos da pilotagem e de todas as suas inconstâncias, dos ventos, das correntes, dos perigos conhecidos e desconhecidos. Ou seja: naquele que é o domínio de todos os excessos – o dos “três pecados do guerreiro” – o mar substitui-se à guerra sob o signo da oportunidade, do jogo, da sorte ou do azar do Lance de Vénus<sup>50</sup>, de onde resultará o bom sucesso, a boa viagem e a pesca abundante, ou o fracasso da escassez e do infortúnio, a ameaça do naufrágio no mar

47 Barry Cunliffe – Island Archaeology and the Origins of Seafaring in the Eastern Mediterranean (Review), *International Journal of Nautical Archaeology* 45:1 (2016), 207 [doi 10.1111%2F1095-9270.12155]; a antiguidade da navegação, no entanto, poderá remontar ao Pleistoceno, à ‘revolução’ do Paleolítico Superior (Andrzej Pydyn – *Argonauts of the Stone Age. Early Maritime Activity from the First Migrations From Africa to the End of the Neolithic*. Oxford: Archeopress, 2015, p. 41).

48 “Opportunism is a fundamental quality of successful fishermen, who saw no need to change their technologies when the catch is easy to get” (Brian Fagan – *Fishing. How the Sea Fed Civilization*. New Haven, London: Yale University Press, 2017, p. 31).

49 Helene E. Roberts (ed.) – *Encyclopedia of Comparative Iconography. Themes Depicted in Works of Art*. Chicago, London: Fitzroy Dearborn Publishers, 1998.

50 Francisco J. S. Alves; Francisco Reiner; Mário J. R. Almeida; Luís Veríssimo – Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas – contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. *O Arqueólogo Português Série IV*, 6/7, (1988-1989), p. 109-185.

devorador. Com a passagem do tempo, a esfera sob os pés de Fortuna e seus demais atributos condensaram-se numa imagem que atravessou séculos sob múltiplas formas e expressões: a Roda da Fortuna, o grande círculo da vida<sup>51</sup>. Como dizem as gentes da arte-xávega na experiência do seu *tempo kairológico*, lá nos grandes areais e frentes marítimas do Litoral Central Português, “hoje por ti, amanhã por mim”...

Para além das possibilidades oferecidas pelos momentos de transição climática, tal como identificados por Cunliffe, não se assevera sustentável a tarefa de encontrar uma determinação causal exclusiva para a navegação. O problema pode, no entanto, ser equacionado nos termos de um antagonismo mais abrangente. Segundo Jacques Cauvin<sup>52</sup>, o início do Neolítico na Anatólia e no Levante, após o final da última grande glaciação, ficou a dever-se a uma revolução simbólica – “ideology before economy” – e não a fatores ecológicos ou biológicos, ou seja: os novos comportamentos e atividades humanas não decorreriam apenas de pressões de natureza ambiental e climática mas, antes, de um súbito desenvolvimento cognitivo, associando-se naturalmente esta perspetiva ao aparecimento do que Merlin Donald designou como ESS – *External Symbolic Storage* – o desenvolvimento da aptidão para criar exo-memórias ou, noutros termos, a emergência das gramáticas da incompletude<sup>53</sup> biológica da espécie (neotenia)<sup>54</sup> que possibilitam e consubstanciam a multiplicidade dos “acabamentos” possíveis a que tradicionalmente nos referimos como ‘cultura’. Na direção oposta, contudo, os estudos paleoclimáticos a par com o conhecimento cada vez mais preciso da evolução, da paleontologia e da arqueologia pré-histórica, mostraram já o paralelismo claro entre as mudanças climáticas e as transformações dos modos de vida dos primatas arcaicos e modernos no processo da sua dispersão pelo globo. O que deverá reter a nossa atenção é que, de acordo com Clive Finlayson, a dependência da água surge como constante dinâmica neste processo e, incontornavelmente, o verdadeiro móbil da hominização<sup>55</sup>. A “compulsão” para a navegação a que se refere Barry Cunliffe é apenas uma, portanto, das muitas expressões adaptativas criadoras da evolução humana e dos modos de vida<sup>56</sup> tornados viáveis pela água, sob todas as suas formas de circulação

51 O padre Mário Martins apontou inúmeros exemplos deste princípio circular, dos quais destacaria as suas referências a Calderon de la Barca (p.41), ao Livro da Virtuosa Benfeitoria do Infante D. Pedro (p. 241) e a Gomes Eanes de Zurara (p. 255 e 256), em Mário Martins – *Alegorias, Símbolos e Exemplos Morais da Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: Edições Brotéria, 1975.

52 Jacques Cauvin – *The Birth of the Gods and the Origins of Agriculture*. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 2000.

53 Dany-Robert Dufour – *Lettres sur la Nature Humaine à l’Usage des Survivants*. Paris: Calmann-Levy, 1999, p. 79.

54 Robert G. Bednarik – *The Human Condition*. New York: Springer, 2011, p. 134-136.

55 Clive Finlayson – *The Improbable Primate: How Water Shaped Human Evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

56 Vale a pena precisar: “...para a biologia moderna, a espécie aparece definida como uma configuração genética, que se conserva através da história reprodutiva de uma população ou de um sistema de populações, e a evolução como a mudança na configuração genética conservada em tal população ou sistema de populações. Eu penso diferente. Penso que o que define uma espécie é seu modo de vida, uma configuração de relações variáveis entre organismo e meio, que

– da troposfera aos rios, mares e oceanos, do interior da Terra ao corpo humano, à experiência historicamente estruturada da corporalidade e das profundezas psíquicas, na sua indissolúvel constituição recíproca. A circularidade matricial da água desdobra-se fractalmente no plano social e simbólico, como nos processos biofísicos, constituindo a própria urdidura da Vida<sup>57</sup>.

Torna-se absolutamente impossível descartar qualquer uma das duas hipóteses em prol da outra, pois nem o determinismo das estruturas materiais nem o determinismo psíquico oferecem, isoladamente, soluções inteiramente satisfatórias, apesar de necessárias para o avanço do conhecimento – um desafio, aliás, aceite por Colin Renfrew em 1998<sup>58</sup>, a que se seguiria a “resposta” da MET (*Material Engagement Theory*) de Lambros Malafouris<sup>59</sup>. É preciso sublinhar, também, que a hipótese psicocultural de J. Cauvin é omissa quanto às possíveis causas da “revolução simbólica”, para além de que tem implícita uma oposição entre cognição e materialidade (compromisso epistemológico forte) que a torna consentânea com o estatuto já obsolecente da distinção ontológica entre seres humanos e natureza, ou entre o espírito e o corpo, vício cartesiano e fundamento legitimante da ontologia da devastação<sup>60</sup> que, imparável, devora recursos e destrói o planeta. A proposta de Malafouris, em contrapartida, enquadra-se no “enactive paradigm” das CTC’s (ciências e tecnologias da cognição)<sup>61</sup> e numa conceção da mente humana como fenómeno “embodied, extended and distributed”<sup>62</sup>, como já Bateson antecipara,

---

começa com a conceção do organismo e termina com sua morte, e que se conserva, geração após geração, como um fenótipo ontogénico, como um modo de viver em um meio, e não como uma configuração genética particular. Assim, a mudança evolutiva se produz quando se constitui uma nova linhagem ao mudar o modo de vida que se conserva numa sucessão reprodutiva. Por isso, na medida em que a mudança evolutiva se dá através da conservação de novos fenótipos ontogénicos, o central no fenómeno evolutivo está na mudança do modo de vida, e em sua conservação na constituição de uma linhagem de organismos congruentes com sua circunstância, e não em desacordo com ela.” (Humberto Maturana – *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 20).

57 “every perception of the world, in short, is part and parcel of the world’s perceiving itself” (Tim Ingold – Reach for the stars! Light, vision and the atmosphere. In *The Imagined Sky. Cultural Perspectives*. Darrelyn Gunzburg (ed.). Sheffield, Bristol: Equinox, 2016; cf. Francisco Oneto Nunes – Da Semente à Estrela...

58 “...concepts and beliefs were mediated by and often embodied in the structures and artefacts of the day — that is what is meant by the active role of material culture. These artefacts are part of the story. It cannot be understood without symbolic material culture. It may be, however, that in the broader context of study which [Merlin] Donald has set up that we shall come to understand that symbolic material culture rather better.” (Colin Renfrew – Mind and Matter: Cognitive Archaeology and External Symbolic Storage. In *Cognition and Material Culture: the Archaeology of Symbolic Storage*. Ed. Colin Renfrew; Chris Scarre. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 1998, p. 1-6: p. 6).

59 Lambros Malafouris – “Between brains, bodies and things: tectonoetic awareness and the extended self”. In Colin Renfrew; Chris Frith; Lambros Malafouris – *The Sapient Mind: Archaeology meets Neuroscience. Philosophical Transactions of the Royal Society of Biological Sciences*. London: Royal Society Publishing, 2008; Lambros Malafouris – *How Things Shape the Mind: a Theory of Material Engagement*. Cambridge MA and London: The MIT Press, 2013.

60 A expressão é de Arturo Escobar – *Designs for the Pluriverse. Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Durham, London: Duke University Press, 2018.

61 Francisco Varela; Evan Thompson; Eleanor Rosch – *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*. [Revised Edition]. Cambridge, MA, London: The MIT Press, 2016 [1991].

62 Lambros Malafouris – *How Things Shape the Mind...*

o que a aproxima do ‘ontological turn’ da Antropologia e de um ‘affective turn’ onde, justamente, “the perspective of the affects, in short, forces us constantly to pose the problem of the relationship between mind and body with the assumption that their powers constantly correspond in some way”<sup>63</sup>. Por isso mesmo, também de acordo com as perspectivas da Antropologia, parece bastante mais razoável admitir a “recursividade dos processos biofísicos e culturais” nos termos de uma *ontologia política* – expressão de Arturo Escobar que se reporta ao potencial generativo dos imbricamentos profundos entre natureza, cultura, poder e política<sup>64</sup>; e de igual modo deverá ser encarada a oposição entre as motivações utilitária e mágico-religiosa que coloquei no início.

Nesta recursividade reencontramos a alternativa proposta pela teoria auto-poietica face a estes dois determinismos: a coespecificação e a coemergência dos múltiplos níveis de acaso organizacional (Atlan)<sup>65</sup>, *order from noise* (Von Foerster)<sup>66</sup>, circularmente (Maturana e Varela)<sup>67</sup>, urdindo numa mesma trama de sentido a célula e toda a Vida que pulsa no planeta, da semente à estrela. Cada contexto da existência humana comporta uma estrutura de oportunidades materiais, biofísicas, psíquicas e sociais, mas nenhum destes planos analíticos é inteligível por si só, independentemente dos outros, no emaranhado de relações de complementaridade oposicional<sup>68</sup> e congruência recíproca<sup>69</sup> que constituem a sua historicidade. Atentos à frescura de espírito de Mauss e do ‘facto social total’ e, simultaneamente, mantendo a atualidade urgente das lições de Franz Boas, rejeitaremos tanto o determinismo genético como o idealismo metafísico, avançando rumo a um entendimento sistémico da codependência emergente de todos os fenómenos, explorando as suas complexas espessuras temporais e espaciais, económicas e simbólicas.

No torvelinho disciplinar das últimas décadas, a experiência direta dos sentidos possíveis da condição humana, dos seus muitos mundos e dos feixes de relações que os constituem, permitiu-nos uma melhor modulação holística da complexidade e das profundidades criadoras dos diversos modos de existência dos grupos

63 Michael Hardt – Foreword: what affects are good for. In *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Ed. Patricia Ticineto Clough; Jean Halley. Durham, London: Duke University Press, 2007, X.

64 Arturo Escobar – *Designs for the Pluriverse...*, xiii.

65 Henri Atlan – *Entre o Cristal e a Fumaça. Ensaio Sobre a Organização do Ser Vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992 [1979].

66 Evelynne Andreevsky; Robert Delorme (dirs.) – *Seconde Cybernetique et Complexité...*

67 Humberto Maturana; Francisco Varela – *Autopoiesis and cognition. The Realization of the Living*. Boston Studies in the Philosophy of Science edited by Robert S. Cohen and Marx W. Wartofsky, volume 42, Dordrecht, Boston, London: D. Reidel Publishing Company, 1980.

68 A expressão é de Roy Willis – Introduction..., p. 8; Cf. com as quatro grandes ontologias identificadas por Phillipe Descola – *Par Delà Nature et Culture...*, p. 176.

69 “Os seres vivos não humanos não competem, fluem entre si e com outros em congruência recíproca, ao conservar sua autopoiese e sua correspondência com um meio que inclui a presença de outros, ao invés de negá-los” (Humberto Maturana – *Emoções e Linguagem...*, p. 21).

humanos, das suas formações onto-epistémicas<sup>70</sup>. Nesse processo, os antropólogos convocaram Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Deleuze, para além de biólogos, etólogos, linguistas, arqueólogos, tecnólogos, historiadores, psicólogos, sociólogos, arquitetos, fotógrafos, artistas, escritores, ativistas...; e recolheram também os ensinamentos do pós-guerra trazidos por Lévi-Strauss, Bateson e Jakobson (com a sua conceção ‘quântica’ da linguagem), da teoria dos sistemas, da cibernética, das ciências e tecnologias da cognição, tornando a prática disciplinar numa autêntica zona de fronteira alcandorada sobre os limites da complexidade, partindo sempre de uma inescapável condição existencial partilhada – *pluriverso*,<sup>71</sup> um mundo feito de muitos mundos<sup>72</sup>.

## V

Os mitos fundadores presentes nas narrativas sobre a vinda por mar de heróis civilizadores, relíquias de santos e imagens, trouxeram-nos, sob a égide da Fortuna e da serendipidade, até algumas ideias que merecem um pouco de atenção. Assim, perante a intrigante e continuada replicação, através dos séculos, da chegada de relíquias e imagens de santos, Senhoras e Crucificados às praias e às redes dos pescadores, compreenderemos melhor, nas múltiplas camadas cronológicas em campo, a complementaridade irreduzível dos argumentários da razão utilitária e dos desígnios da razão simbólica, tal como estabelecido por Mauss na Antropologia.

Primeiramente, no que decorre da necessidade de equacionar uma certa tendência da modernidade para instaurar cesuras e descontinuidades, perdendo-se frequentemente a profundidade de campo que permite identificar as recorrências e as continuidades, os sentidos de unidade e as permanências no seio da indeterminação do(s) mundo(s). Os processos de difusão, tão frequentemente desvalorizados<sup>73</sup>, parecem hoje largamente irreduzíveis aos excessos passados do difusionismo da escola de Viena e do determinismo ambiental da Antropogeografia, encontrando agora suporte expressivo na evidência arqueológica mais recente. A mudança é significativa, pois como muito bem sublinhou Barry Cunliffe, “the discoveries of the

70 Como mostrou Christina Toren, nos termos da teoria autopoietica, “for humans, living and knowing are the same thing. So, from an analytical perspective, the biological, the cognitive, the affective and the social, are aspects of one another rather than separable and dialectically related processes”. (Christina Toren – *Mind, Materiality and History. Explorations in Fijian Ethnography*. London, New York: Routledge, 1999, p. 107).

71 Arturo Escobar – *Designs for the Pluriverse...*

72 Pelo menos desde Lévi-Strauss, sem qualquer compromisso do princípio filosófico monista subjacente, tal como evidenciado por Philippe Descola – As Duas Naturezas de Lévi-Strauss. *Sociologia & Antropologia* 1:2 (2011) 35-51.

73 Lorenz Rahmstorf – Re-integrating ‘Diffusion’: the Spread of Innovations among the Neolithic Age Societies of Europe and the Near East. In *Interweaving Worlds. Systemic Interactions in Eurasia, 7<sup>th</sup> to 1<sup>st</sup> Millenia BC*. Ed. Toby C. Wilkinson; Susan Sherratt; John Bennet. Oxford: Oxbow Books, 2011.



last two decades have totally refocused our perceptions on the central importance of the sea in human development”<sup>74</sup>.

A influência orientalizante traduz-se no que hoje os arqueólogos denominam ‘difusão démica’<sup>75</sup>, modelo que suporta igualmente a colonização fenícia nos séculos VIII-VI aC<sup>76</sup> e, milénios antes, o processo de expansão Neolítica, também por via marítima<sup>77</sup>, cerca de 5500 aC. As viagens e rotas destes colonos, agricultores e navegadores, seguindo o rumo do Sol em direção ao poente, foram certamente replicadas e narradas ao longo dos séculos<sup>78</sup>, acompanhando “aventureiros, artesãos e viajantes”<sup>79</sup>. Assim se desenvolveram as redes de trocas entre as várias placas giratórias comerciais que, já no tempo de Ulisses, faziam circular pelo Mediterrâneo e pelo Atlântico produtos como o âmbar do Báltico, resinas para fabrico de perfumes, lingotes de estanho dos finisterras europeus (Galiza, Bretanha, Cornualha), ouro, ânforas de azeite, marfim de hipopótamo e de elefante do Oriente, carapaças de tartaruga e ovos de avestruz, sal, *murex* para tingir tecidos de lã, cerâmicas, contas e vidro azul cobalto...<sup>80</sup> Muito mais tarde, ainda, o complexo portuário da Lusitânia romana<sup>81</sup> virá a coincidir com a matriz portuária urbana e mercantil fenícia, no Algarve, no Sado, no Tejo e no Mondego, sem excluir a existência de prováveis entrepostos e navegações anteriores.

Estes dados vêm em abono das teses de Octávio Lixa Filgueiras sobre a difusão do modelo da “canoa de pranchas mesopotâmica”<sup>82</sup>, bem como da pitoresca ideia dos “missionários megalíticos”, de Victor Gordon Childe. No grupo de Jorge Dias no CEEP (a escola do Porto, de Mendes Correia), Ernesto Veiga de Oliveira havia já vertido para português, no início da década de 1960, um livro de André Varagnac, *O Homem Antes da Escrita*<sup>83</sup>, onde se dava conta das perspetivas arqueo-

74 Barry Cunliffe – *On the Ocean...*, V.

75 “The spread of an innovation or cultural trait as a result of the cumulative effect of multiple small-scale movements of people” (SHAW, Ian and ROBERTSON, James, 1999, *A Dictionary of Archaeology*. Oxford and Massachusetts: Blackwell).

76 Ana Margarida Arruda – A Oeste Tudo de Novo...

77 João Zilhão – Early prehistoric navigation in the Western Mediterranean: Implications for the Neolithic transition in Iberia and the Maghreb. *Eurasian Prehistory* 11, 1:2 (2014) 185-200.

78 Pedro Albuquerque – *Tartessos: entre Mitos e Representações...*, p. 45 e 49; De salientar, neste empolgante trabalho, os registos referentes à presença orientalizante, tartéssica (fenícios ocidentais), a partir do século X aC, designadamente os que se reportam à escrita do sudoeste.

79 AAVV – *L’Europe au Temps d’Ulysse...*, p. 20.

80 AAVV – *L’Europe au Temps d’Ulysse...*, p. 36.

81 Maria Luísa B. H. Pinheiro Blot – *Os Portos na Origem dos Centros Urbanos. Contributos para a Arqueologia das Cidades Marítimas e Flúvio-marítimas em Portugal*. Trabalhos de Arqueologia 28, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003

82 Octávio Lixa Filgueiras – The Xávega Boat: A case study in the integration of archaeological and ethnological data. In *Sources and Techniques of Boat Archaeology – papers based on those presented to a symposium at Greenwich in September 1976, together with edited discussion*. Ed. Sean Mcgrail. National Maritime Museum, Greenwich. Archaeological Series, n.º 1, British Archaeological Reports, supplementary series, 29, 1977, p. 77-111.

83 André Varagnac – *O Homem Antes da Escrita*. Lisboa: Edições Cosmos, 1963.

lógicas que apontavam para a origem oriental e marítima do megalitismo<sup>84</sup>. Juntando-se ao grupo como Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, Filgueiras recolheu de Jorge Dias a lição de que o Homem não só é produtor, mas também “portador de cultura”; e em matéria de arqueologia e arquitetura naval, fez inúmeros levantamentos, identificou espécies, tipos e famílias de embarcações, e mostrou que a fronteira entre o Norte e o Sul do território é, no que concerne à construção de embarcações tradicionais, a da linha do Douro<sup>85</sup>. José Mattoso, atento ao trabalho de Filgueiras, diz que se desconhece em que época teriam chegado as antigas técnicas de construção naval do Mediterrâneo Oriental, mas que estas “se mantiveram fielmente até aos dias de hoje”, do Sul à foz do Vouga<sup>86</sup>.

A imagem dos ‘missionários’ – isto é, a de que a expansão Neolítica diz respeito também às crenças associadas ao cultivo, aos animais, à fabricação e à observação dos astros – foi retomada por J. Cauvin ao atribuir a um “culto da virilidade” neolítico, simbolizado no touro e na mulher, um papel timótico e de “autoconfiança messiânica”<sup>87</sup> motivadora da dinâmica expansionista do cultivo de alimentos<sup>88</sup>. Sublinhe-se, porém, que “the principles of pilotage and navigation, perfected along the Atlantic coasts in the period 10.000 to 5000 bC, provided the basis for maritime activity”<sup>89</sup>. A pesquisa paleogenética, por seu turno, obtém igualmente conclusões claras: “Genetic affinities with Iberian Neolithic individuals indicate that British Neolithic people were mostly descended from Aegean farmers who followed the Mediterranean route of dispersal<sup>90</sup>.” Em inúmeros aspetos, contudo, o registo de continuidade entre caçadores-recolectores e primeiros agricultores é evidente, como no caso do arquétipo circular nas construções característico, justamente, das franjas ocidentais Atlânticas e do Mediterrâneo<sup>91</sup>.

Por outro lado, ainda – e finalmente – a arqueologia replicativa, atenta à cultura material e aos processos biofísicos, afirmando uma dimensão fortemente experimental de simulação na construção de protótipos de embarcações e na realização de viagens de ensaio, aponta a antiguidade da navegação para um patamar bastante

84 O capítulo XIV apresenta o sugestivo título: “O navio, portador de religião: o Calcolítico”.

85 “Fronteira” também visível na simbologia decorativa dos barcos (Octávio Lixa Filgueiras – “Alguns vestígios de antigas práticas rituais de protecção mágica dos barcos portugueses”. *Mediterrâneo*, n.º 3, Jul-Dez 1993, Lisboa: Instituto Mediterrânico, Dept.º de Sociologia da FCSH-UNL, p. 279-301).

86 José Mattoso – Os Antepassados dos Navegadores. In *Naquele Tempo. Ensaios de História Medieval*. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2009, p. 237-256: 244, 249.

87 Jacques Cauvin – *The Birth of the Gods...*, p. 205.

88 Andrzej Pydyn – *Argonauts of the Stone Age...*, capítulo 5: Neolithic Voyagers – Farmers of the Sea, p. 118-174.

89 Barry Cunliffe – Seafaring on the Atlantic Seaboard. In *The Global Origins and Development of Seafaring*. Ed. Atholl Anderson; James H. Barrett; Katherine V. Boyle. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 2010, p. 265-274.

90 Selina Brace et alii – Ancient genomes indicate population replacement in Early Neolithic Britain. *Nature, Ecology & Evolution* 3 (2019) p. 765-771. <https://doi.org/10.1038/s41559-019-0871-9> [Consultado a 18 abril 2019].

91 Richard Bradley – *The Idea of Order. The Circular Archetype in Prehistoric Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

mais recuado<sup>92</sup>. Só assim se compreende a imensa aventura humana da chegada à Austrália<sup>93</sup> (a primeira evidência de migração por mar, depois de milénios de outras travessias marítimas entre ilhas no sudeste asiático)<sup>94</sup>, bem como a inconformidade de algumas datações arqueológicas subsequentes com a cronologia do povoamento do continente americano pela Beríngia, há cerca de 14.000 anos<sup>95</sup>. Como diz Bednarik, “perhaps the first chapter of human presence in the New World still remains to be written, and it needs to be dedicated to mariners<sup>96</sup>”.

---

92 Robert G. Bednarik – The Beginnings of Maritime Travel. *Advances in Anthropology* 4:4 (2014) 209-221.

93 Jane Balme – Of boats and string: The maritime colonisation of Australia. *Elsevier Quaternary International*. 285 (2013) 68-75.

94 Cf. a discussão em tono da presença do Homo Erectus na ilha Flores (Indonésia) em Robert G. Bednarik – *The Human Condition...*, capítulo 4.

95 No Brasil, Lapa Vermelha (35.000 anos) e Pedra Furada (50.000 anos); no Chile, Monte Verde (30.500 anos); no México, Cerro Toluquilla e Hueyatlaco (38.000 anos); na América do Norte, Blue Fish Cave (25.000 a 17.000 anos), segundo Pascal Picq – La Mer est Propre d’Homo Sapiens. In *The Sea in History*. Dir. Christian Buchet. Vol. 1: *The Ancient World*. Philip Souza; Pascal Arnaud. Woodbridge: The Boydell Press, 2017, p. 9-38; Não deixa de ser plausível, portanto – segundo as evidências elencadas pelo autor (p. 33-35) – a hipótese de Mendes Correia, de 1928, de que os australianos, pela Antártida, teriam alcançado a Terra do Fogo...

96 Robert G. Bednarik – The Beginnings of Maritime Travel..., p. 220.